

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

DANIELE PRIMMAZ

O uso da tecnologia na alfabetização de crianças

**Porto Alegre
2015**

DANIELE PRIMMAZ

O uso da tecnologia na alfabetização de crianças

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora:
Paloma Dias Silveira**

**Porto Alegre
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof^a. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

RESUMO

Perceber e entender como acontece o processo de alfabetização é muito importante, pois aprender a escrever e a ler é fundamental para crianças que estão no início de sua vida escolar. É uma fase complexa, que exige muitos esforços e habilidades por parte da criança e do professor. É o professor que irá trazer recursos pedagógicos e metodologias diversas e apropriadas para o nível de desenvolvimento da criança. Os recursos devem auxiliar nesse processo para que ele seja significativo e prazeroso para as crianças. A tecnologia é um ótimo apoio para o educador e um recurso disponível nas escolas, fazendo com que a prática educativa aprimore a maneira de ensinar e aprender. O uso das mídias é mais uma possibilidade para que esse processo de alfabetização torne-se desafiador e prazeroso para os alunos, tendo aulas mais prazerosas e querendo sempre estar em busca do novo. A mídia é um instrumento de aprendizagem que tem espaço para a interação, para a criatividade e para a autonomia. Resgatar aspectos importantes do processo de alfabetização, analisar atividades de interação de alunos alfabetizando com as mídias bem como o desempenho na escrita, de crianças em contato com as mídias são partes integrantes deste trabalho.

Palavras-chave: Alfabetização, mídias, educação e tecnologias.

ABSTRACT

Realizing and understanding how the literacy happens is very important, because learning to read and write is fundamental for children who are at the beginning of their school life. It is a complex phase, that requires many efforts and skills by the child and the teacher. It is the teacher who will bring pedagogical resources and appropriate methodologies for the child's level of development. The resources should help in this process so that it is meaningful and pleasant for children. The technology is a great support for the educator and an available resource in schools, making the educational practice enhance the way of teaching and learning. The use of media is another possibility for this literacy process to become challenging and pleasant for students, having more pleasant classes and wanting to be always in search of the new. The media is a learning instrument which has space for interaction, for creativity and autonomy. Recovering important aspects of the literacy process, analyzing student interaction activities, literating with the media as well as performance in writing, children with contact with the media are integral parts of this job.

Keywords: literacy, media, education, technology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de escrita pré-silábico 1.....	14
Figura 2: Exemplo de escrita pré-silábico 1.....	14
Figura 3: Exemplo de escrita pré-silábico 1.....	15
Figura 4: Exemplo de escrita pré-silábico 2.....	16
Figura 5: Exemplo de escrita silábico	17
Figura 6: Exemplo de escrita silábico	18
Figura 7: Exemplo de escrita silábico-alfabética	19
Figura 8: Exemplo de escrita silábico-alfabética	20
Figura 9: Exemplo de escrita alfabética	21
Figura 10: Exemplo de escrita alfabética	22
Figura 11: Exemplo de escrita alfabética	22
Figura 12: Crianças fotografando os colegas	29
Figura 13: Crianças fotografando os colegas	30
Figura 14: Crianças fotografando os colegas	30
Figura 15: Criança fotografando o que gosta.....	31
Figura 16: Criança fotografando o que gosta.....	32
Figura 17: Criança fotografando o que gosta.....	32
Figura 18: Criança fotografando o que gosta.....	33
Figura 19: Criança fotografando o que gosta.....	33
Figura 20: Crianças no laboratório de informática passando suas fotos para o computador	34
Figura 21: Crianças no laboratório de informática passando suas fotos para o computador	35
Figura 22: Crianças no laboratório de informática passando suas fotos para o computador	35
Figura 23: Documento do word com fotografia e escrita das crianças.....	36
Figura 24: Documento do word com fotografia e escrita das crianças.....	37
Figura 25: Documento do word com fotografia e escrita das crianças.....	37
Figura 26: Foto e texto criança de 9 anos	38
Figura 27: Foto e texto criança de 8 anos	39
Figura 28: Foto e texto criança de 6 anos	40
Figura 29: Foto e texto criança de 7 anos	42
Figura 30: Foto e texto criança de 8 anos	43
Figura 31: Jogo de palavras cruzadas	45
Figura 32: Jogo de palavras cruzadas	46
Figura 33: Diagrama	47
Figura 34: Descobrir a palavra oculta.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	11
1.1 O processo de alfabetização e letramento segundo Emilia ferreiro.....	11
1.2 As fases da escrita.....	13
1.2.1 Nível pré-silábico.....	13
1.2.2 Nível silábico	16
1.2.3 Nível silábico-alfabético	18
1.2.4 Nível alfabético.....	20
1.3 A importância do professor no processo de alfabetização	23
3 UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA PARA AUXÍLIO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS	25
3.1 Fotografia na escola e como auxílio na alfabetização de crianças	25
3.2 Computador na escola e como auxílio na alfabetização de crianças.....	26
4 ATIVIDADES E JOGOS QUE AUXILIAM A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS	29
4.1 Análise de crianças interagindo com a mídia	29
5 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA ALUNOS.....	54

INTRODUÇÃO

Houve uma época em que os principais utensílios utilizados na escola para escrever eram o lápis e o papel, no entanto esta realidade continua inalterada. Com o passar dos anos o computador passou a ocupar espaços em vários ambientes, porém a sala de aula parece ainda não ter incorporado esta tecnologia como mais uma ferramenta para auxílio à escrita, além das suas outras possibilidades e potencialidades pedagógicas. Sendo ele um recurso muito utilizado pela maioria das pessoas no seu dia a dia, por que não empregá-lo também nas atividades de alfabetização desenvolvidas em sala de aula?

O estudo da alfabetização e do letramento é uma maneira de conhecer o processo de desenvolvimento da criança no início da sua vida escolar, bem como a forma que se apropria do sistema alfabético e de seus usos em situações reais de comunicação. O presente estudo analisará ferramentas midiáticas que auxiliam nesta etapa que é tão importante para as crianças.

O professor tem que perceber que a realidade da sala de aula é outra. O mundo ao seu redor mudou e ~~por isso~~ seus planos de aula devem acompanhar esta nova realidade. Essa é a principal percepção que ele deve ter para poder conduzir a criança a uma relação de interação com as mídias, fazendo com que ela aprenda de forma mais prazerosa e significativa. Portanto o professor deve atualizar a sua postura, utilizando os recursos disponíveis na escola, conhecendo e compreendendo noções básicas relacionadas ao meio virtual. Com o passar do tempo mudanças ainda ocorrerão e ele precisa estar atento para acompanhá-las e viver da melhor forma a relação de ensino-aprendizagem com seus alunos.

Ter a tecnologia como uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de crianças não é garantir o aprendizado total. Não bastam laboratórios de informática à disposição se, por exemplo, eles só são usados para jogos sem desafiar os alunos sobre a leitura e escrita.

No primeiro capítulo será abordado como acontece o processo de alfabetização e letramento nos primeiros anos de vida escolar das crianças. As pesquisas de Emília Ferreiro foram inspiradoras de muitos educadores brasileiros que, a partir dela, iniciaram um processo de avanço no conhecimento das práticas de alfabetização e letramento, com base nos pressupostos construtivistas, onde o aprendizado se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita,

compreendida como um sistema de representação. Segundo Emília Ferreiro a escrita passa por quatro fases: fase pré-silábica, fase silábica, fase silábica-alfabética e fase alfabética. É indispensável que o docente conheça cada uma delas.

O professor é importante para que esse processo aconteça envolvendo o uso das mídias, pois é ele que facilitará e auxiliará para que a criança tenha acesso e faça o uso do computador em sala de aula de forma potente para a aprendizagem.

No segundo capítulo será feita a observação da fotografia e do computador dando suporte ao processo de alfabetização e letramento. A proposta do uso desses dois meios tecnológicos possibilita ao aluno desenvolver o raciocínio lógico, associar ideias e trabalhar diversas habilidades de escrita e leitura. Eles estão disponíveis para uso de professores, auxiliando-os em sua didática de forma significativa favorecendo a autonomia e a criatividade.

Serão feitas análises de crianças interagindo com as mídias (câmera digital e computador) através de diversas atividades oferecidas, observando também a mediação do professor. A partir disso será feita uma avaliação dos resultados a fim de perceber as potencialidades do que foi desenvolvido.

Este trabalho parte da hipótese de que as tecnologias têm uma grande influência na sociedade, agregando conhecimentos a todos. Basta o professor direcionar e propor isso da melhor forma para a aprendizagem da escrita para seus alunos, ampliando e aprimorando o fazer pedagógico.

1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

1.1 O processo de alfabetização e letramento segundo Emilia Ferreiro

Emilia Ferreiro é uma psicóloga, pedagoga e pesquisadora argentina que revolucionou o conhecimento que se tinha sobre a alfabetização e o letramento. A pesquisadora contribuiu com o trabalho dos educadores a partir do seu estudo com crianças sobre a psicogênese da língua escrita, a partir de meados dos anos 1980.

Emilia e Ana Teberosky, representaram no seu primeiro livro publicado no Brasil “Psicogênese da língua escrita” (1985), uma grande revolução nas referências de alfabetização, iniciando um novo paradigma para a interpretação do processo pelo qual a criança aprende a ler e escrever, tendo compromisso com a realidade social.

Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que, além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição do conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo a sua própria metodologia. (FERREIRO & TEBEROSKI, 1985, p. 11).

O letramento envolve muito mais do que apenas ler e escrever. O letramento é tudo o que a pessoa consegue fazer com as habilidades da leitura e da escrita, incluindo os seus usos sociais.

A criança começa a conviver desde seu nascimento com diferentes formas de manifestações da escrita. São informações que ela leva para o resto da vida e aos poucos ~~ela~~ descobre diferentes funções nestas manifestações textuais.

A palavra “letramento” é a versão para o português da palavra da língua inglesa literacy. [...] Literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixa de ser analfabeto, torna-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O “estado” ou a “condição” que o indivíduo ou grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por literacy (SOARES *apud* MAIA, SCHEIBEL, 2006, p. 191).

Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (SOARES *apud* MELO).

Não é possível escolher entre só alfabetizar ou só letrar, ou então pensar que esses dois processos são sequenciais, que um vem após o outro. O desafio é que eles aconteçam ao mesmo tempo para que a ação pedagógica e a aprendizagem sejam produtivas e adequadas.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. (SOARES *apud* LEAL, ALBUQUERQUE & MORAIS, 2007, p. 70).

É através de atividades, desafios e experiências que a criança construirá o seu conhecimento, descobrindo e incorporando o sistema de escrita, tal como se evidencia nos estudos da psicogênese da escrita.

A evolução desse processo se dá a partir da superação das hipóteses formuladas desde o primeiro nível até se tornar alfabética. Essa superação ocorre na medida em que a criança tem oportunidades, estímulos e motivação para vivenciar atos de leitura. Ela pode, assim, comparar e confrontar cada vez mais seus conceitos, suas ideias ou hipóteses com as situações convencionais de leitura e escrita que o adulto lhe oferece como modelo. (SOARES, AROEIRA, PORTO *apud* ORTAÇA, 2012, p. 31).

A criança não deve repetir as mesmas atividades todos os dias, para não tornar algo mecânico. Ela precisa refletir e raciocinar, compreender e entender o que está fazendo para então construir seu conhecimento. Se o aluno continuar apenas copiando um modelo estabelecido sem refletir absolutamente nada, ele não será considerado ativo na construção do conhecimento.

Um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que “faz muitas coisas”, nem um sujeito que tem atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula hipóteses, reorganiza, etc.; em ação interiorizada (pensamento) ou ação efetiva (segundo o seu nível de desenvolvimento). Um sujeito que está realizando algo materialmente, porém, segundo as instruções ou o modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente, um sujeito intelectualmente ativo. (FERREIRO & TEBEROSKY *apud* VALLE, 2013, p. 41).

No processo de aprendizagem da criança existem estágios até compreender o sistema de escrita alfabética. Cada aluno possui o seu tempo para avançar, ocorrendo em

etapas variadas. É preciso que neste desenvolvimento ele seja respeitado e não comparado com outro colega que é mais ligeiro ou mais devagar, sendo que isso não significa que um é mais inteligente que o outro. Nesses momentos cabe ao professor mediar e auxiliar o aluno nas suas dificuldades e respeitando sua individualidade.

Para as pesquisadoras argentinas Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) o processo de aquisição da língua escrita depende da ação do aluno junto com a intervenção do professor, onde o uso de cartilhas tradicionais não é recomendado, aconselhando-se o uso de textos próprios dos alunos, relatando a realidade em que estão inseridos e o uso de textos que circulam socialmente. Durante esta evolução da aprendizagem, surgem conflitos cognitivos que vão sendo superados para a aquisição da escrita.

1.2 As fases da escrita

Emília Ferreiro (2010) diz que para a criança aprender a ler e escrever, ela precisa lidar com dois processos importantes, que são as características do sistema da escrita e o uso funcional da linguagem. Para lidar com as características do sistema da linguagem a criança elabora hipóteses e a partir dessas hipóteses ela as reelabora muitas vezes, até apropriar-se da lógica do sistema da escrita. Estas hipóteses definem os níveis da evolução da escrita.

1.2.1 Nível pré-silábico

Dentro do nível pré-silábico existem dois níveis, o nível um e o nível dois.

No nível um a criança ainda não estabelece relação entre as letras, a linguagem escrita e a linguagem falada, acreditando que se escreve com desenhos. No começo deste processo ela não diferencia o desenho da escrita, assim representa o objeto e não a palavra.

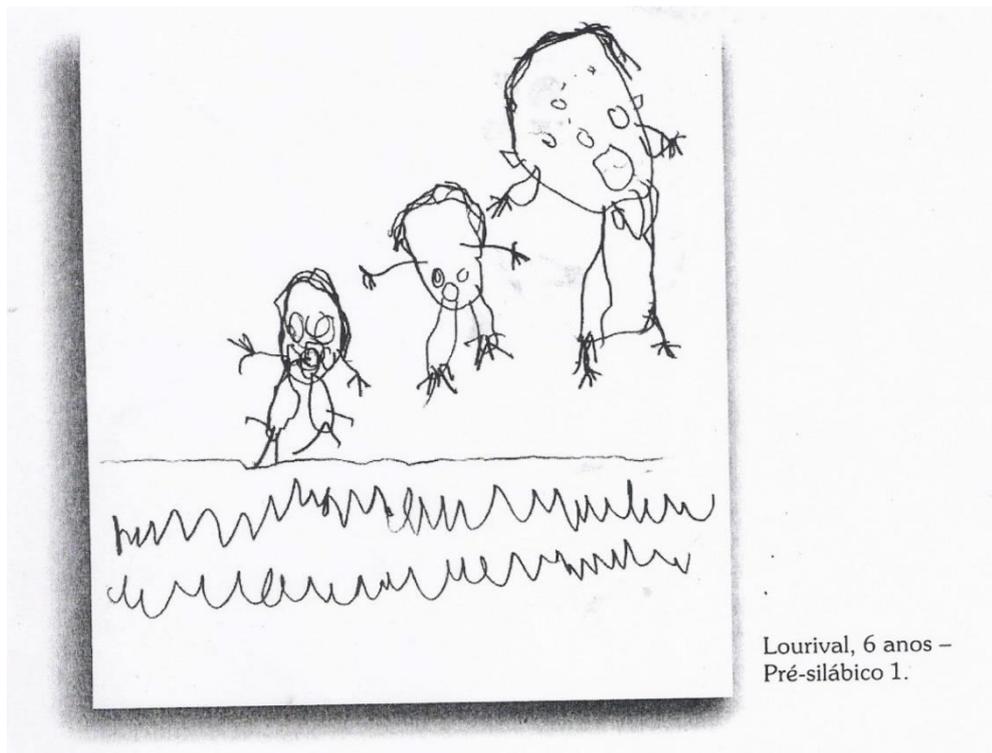
Somente quem escreve sabe o que está escrito. Elas usam os mesmos sinais para escrever tudo o que desejam, ou seja, pseudoletas, que são letras inventadas pelas crianças. Acham que os nomes de pessoas ou animais têm relação com o tamanho ou com a idade, por exemplo, a palavra elefante é escrita usando pseudoletas grandes, enquanto um bebê é escrito usando outras menores. A criança não define as categorias linguísticas, como: frase, letra, palavra e texto.

Figura 1: Exemplo de escrita pré-silábico 1



Fonte: livro Alfabetização linguística (SOARES, AROEIRA, PORTO *apud* ORTAÇA, 2012, p. 32)

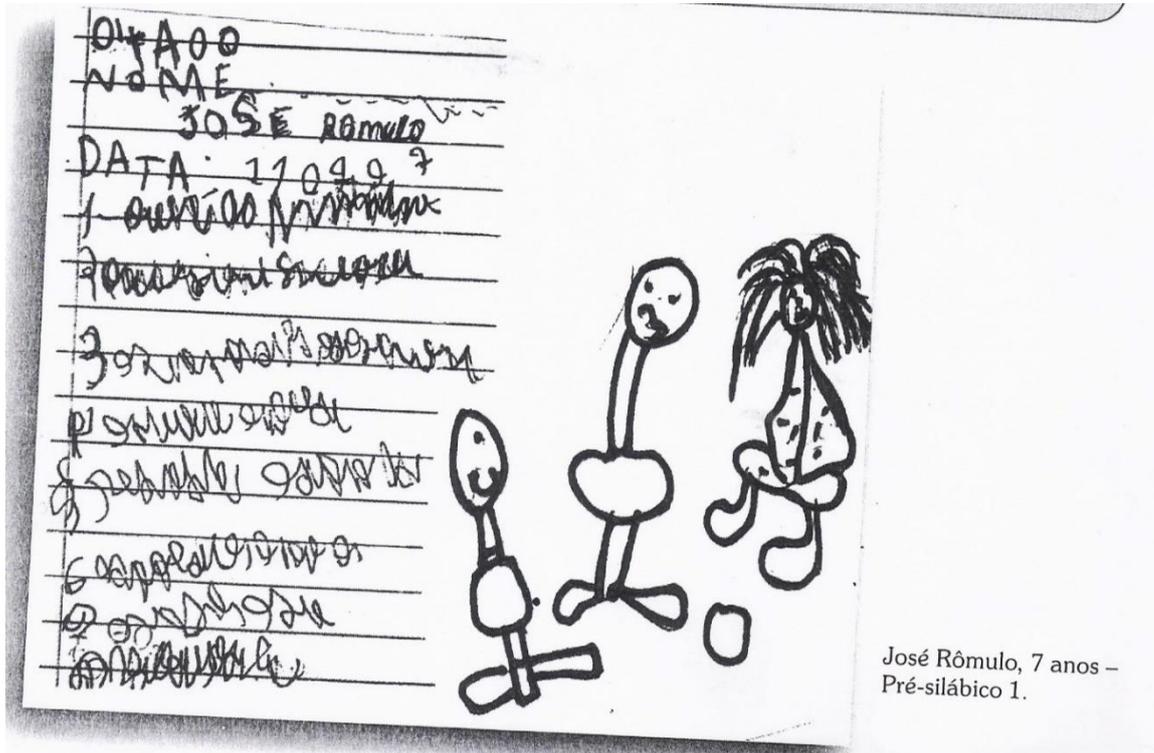
Figura 2: Exemplo de escrita pré-silábico 1



Lourival, 6 anos –
Pré-silábico 1.

Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6 (RIBEIRO, 1999, p. 11)

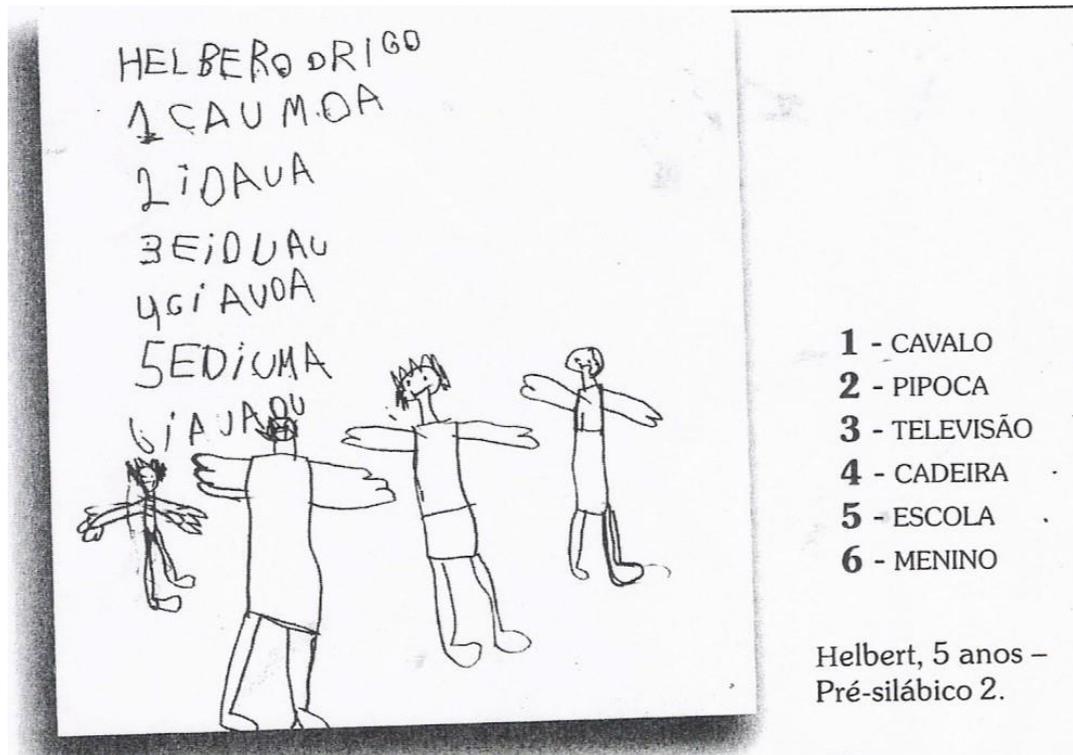
Figura 3: Exemplo de escrita pré-silábico 1



Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6
(RIBEIRO, 1999, p. 12)

O nível pré-silábico dois é a fase que a criança começa a diferenciar o desenho da escrita. Mesmo não sabendo escrever, ela realiza tentativas de aproximação. Começa a utilizar marcas como garatujas, números e letras. Ela descobre que desenhar não é escrever, que os adultos não escrevem desenhando. A criança passa apenas a escrever com sinais gráficos e por isso é considerada pré-silábico dois. A ordem das letras não é fundamental para a distinção de uma palavra das outras, ou seja, duas palavras podem ser pensadas como sendo a mesma, pois tem certas letras iguais.

Figura 4: Exemplo de escrita pré-silábico 2



Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6
(RIBEIRO, 1999, p. 13)

1.2.2 Nível silábico

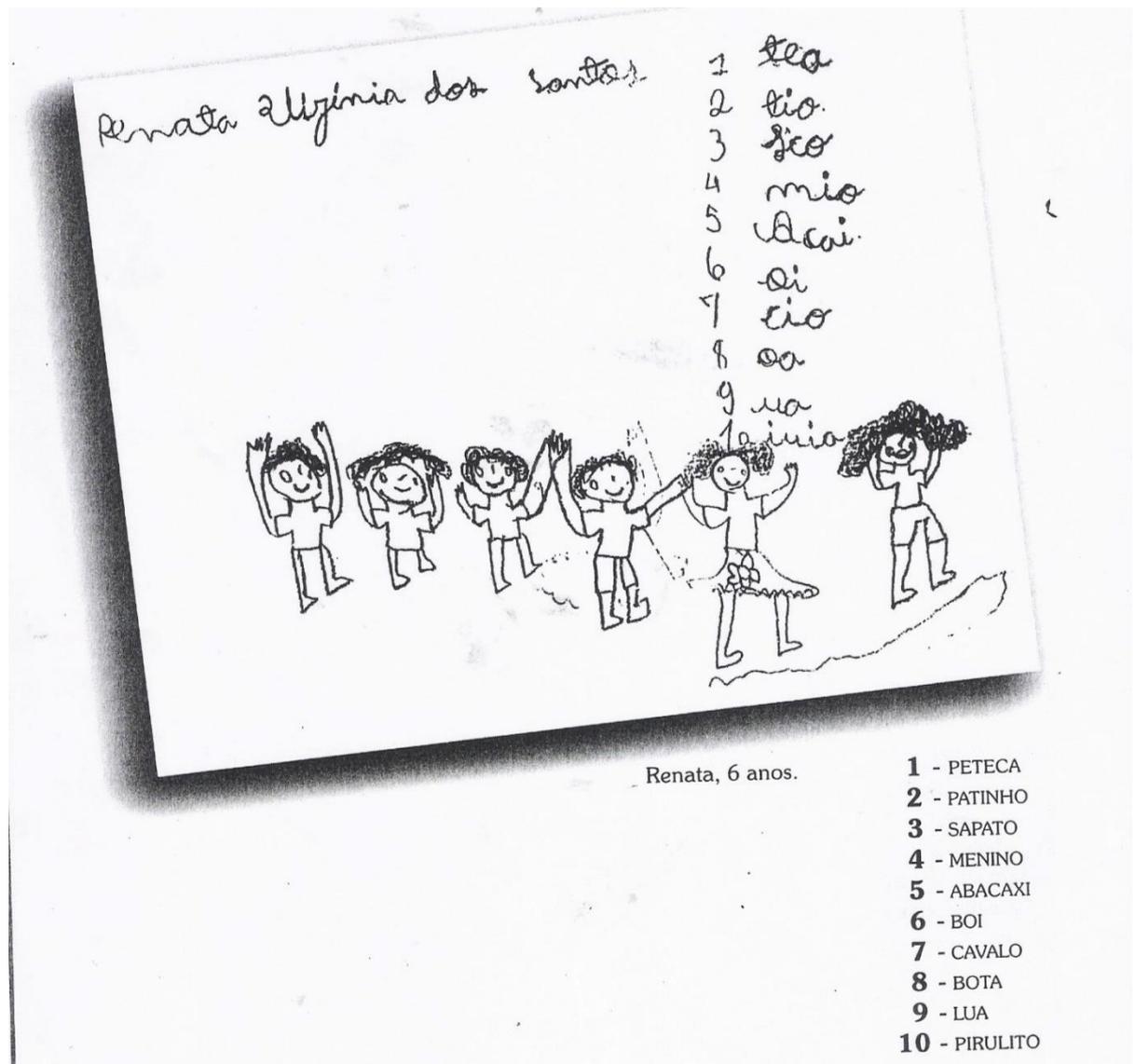
É nesta fase que a criança começa a ter um pouco mais de confiança. Ela representa um símbolo para cada pedaço da palavra, ou seja, para cada sílaba. Quando encontra-se em um grau maior de evolução, ela já emprega em sua grafia consoantes ou vogais como marcos silábicos e com o seu valor convencional. Nesta fase, as crianças entram em conflito, pois pensam que para escrever diferentes palavras precisam de letras diferentes, começam a perceber que com as diferentes letras escrevem palavras variadas (SOARES, AROEIRA, PORTO apud ORTAÇA, 2012, p. 34).

A palavra que a criança escreve é sempre com as mesmas letras, começando a ver que tudo que se diz se escreve, não só os substantivos concretos.

No nível silábico ela encontra uma fórmula nova para entrar no mundo da escrita, onde pode escrever uma letra para cada sílaba da palavra e uma letra por palavra na frase. É impossível ler o que a criança escreve nesse nível, sendo que nem ela própria consegue.

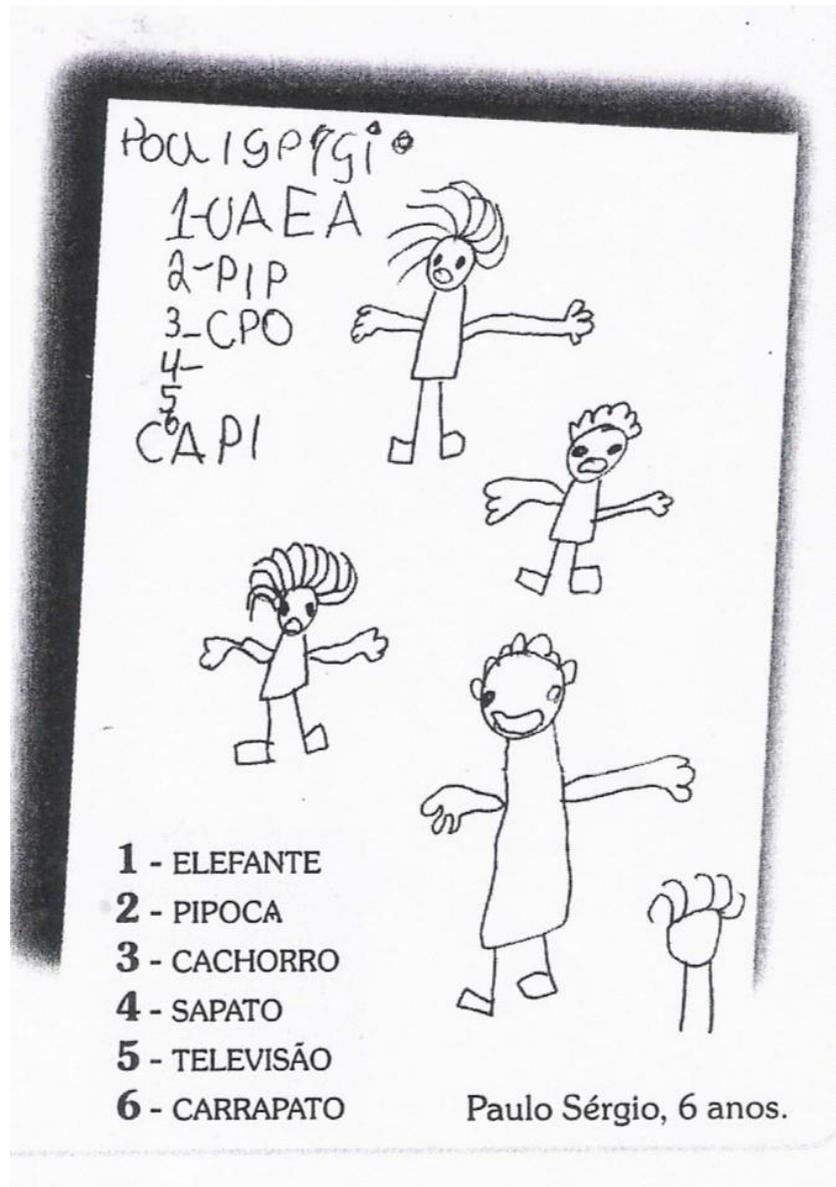
Ela precisa escrever bastante para que possa evoluir e perceber que faltam elementos discriminativos nas sílabas.

Figura 5: Exemplo de escrita silábico



Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6
(RIBEIRO, 1999, p. 12)

Figura 6: Exemplo de escrita silábica



Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6
(RIBEIRO, 1999, p. 13)

1.2.3 Nível silábico-alfabético

Neste nível a criança descobre que a sílaba não é a menor unidade da palavra e que uma letra sozinha não serve para representar uma sílaba. Percebendo que uma letra para cada sílaba não funciona, a criança começa a acrescentar letras aleatoriamente (SOARES, AROEIRA, PORTO *apud* ORTAÇA, 2012, p. 35).

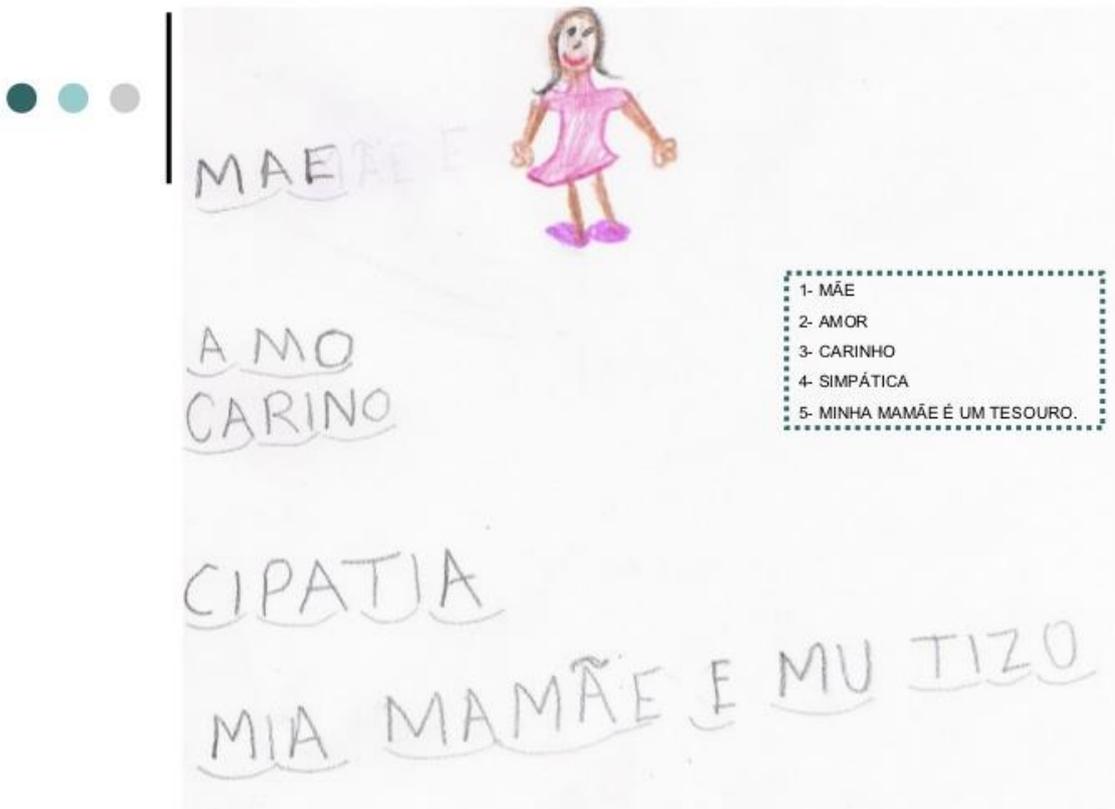
A criança começa a refletir, pois percebe que necessita colocar mais letras do que as que põe no nível silábico. Ela enfrentará novos conflitos, pois começará a ter desafios sobre as normas ortográficas, que se iniciam no nível silábico-alfabético e a partir daí se estendendo por todo o processo acadêmico. Neste nível ela usará hipóteses dos níveis silábico e silábico-alfabético ao mesmo tempo, pois irá grafar algumas sílabas completas e outras incompletas. As crianças vão esbarrar na escrita de palavras iniciadas de vogais, como exemplo:

amora → escrevem maora

então → escrevem netão

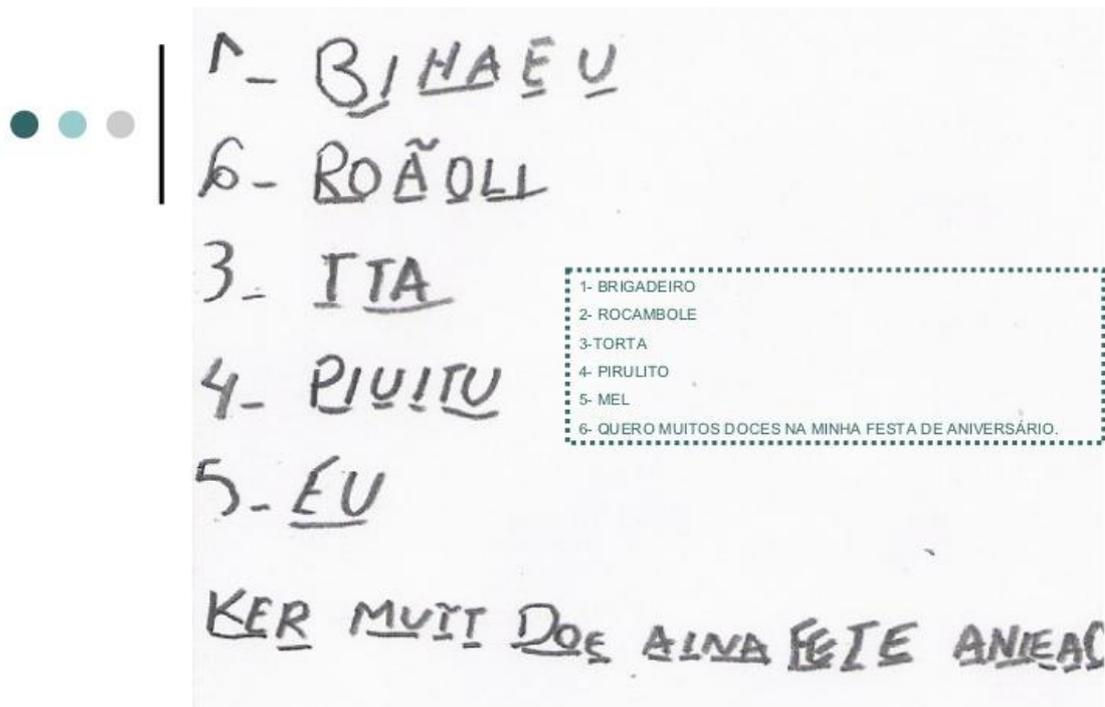
esporte → escrevem seporte

Figura 7: Exemplo de escrita silábico-alfabética



Fonte: site <http://pt.slideshare.net/brunarbraga9/psicognese-da-Ingua-escrita>

Figura 8: Exemplo de escrita silábico-alfabética



Fonte: site <http://pt.slideshare.net/brunarbraga9/psicognese-da-lingua-escrita>

1.2.4 Nível alfabético

No nível alfabético a criança já representa cada fonema com um signo gráfico correspondente utilizando o padrão silábico consoante-vogal. Ela começa a perceber que um único fonema pode ser representado por várias letras (SOARES, AROEIRA, PORTO *apud* ORTAÇA, 2012, p.36).

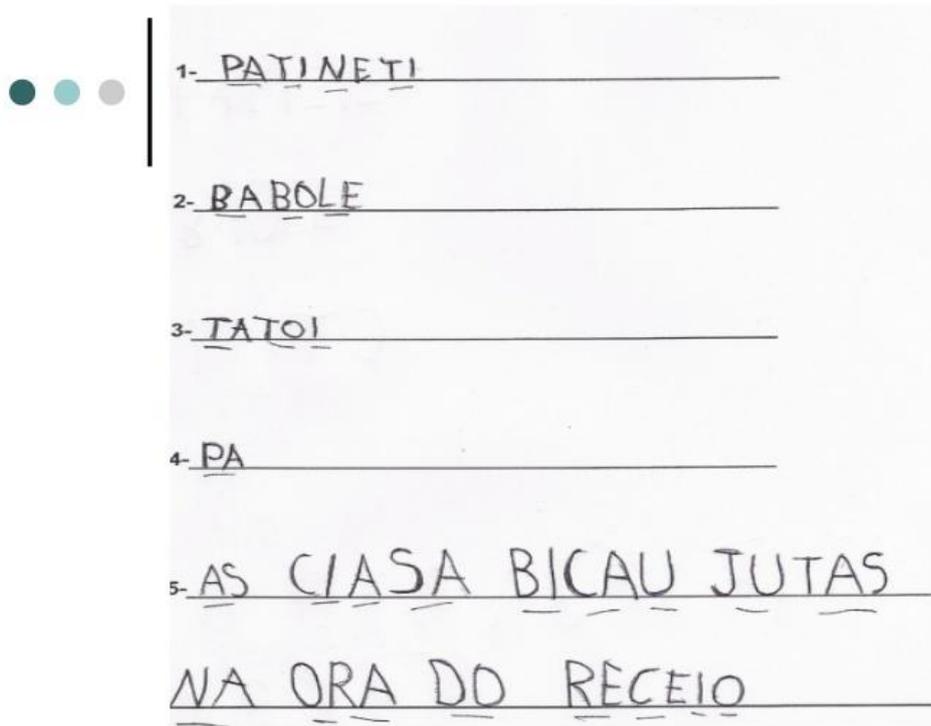
O nível alfabético caracteriza-se por reconhecer o som da letra, compreendendo que a cada letra corresponde um valor sonoro menor que a sílaba. Ela consegue fazer leituras com imagens ou sem imagens, escrevendo do jeito que fala, onde está muito presente a oralidade na escrita, concentrando-se na sílaba para escrever. Aí surgem também os problemas relativos à ortografia, onde é preciso um trabalho constante na construção das sílabas com dígrafos e encontros consonantais, pois se estenderá às séries posteriores.

Figura 9: Exemplo de escrita alfabética



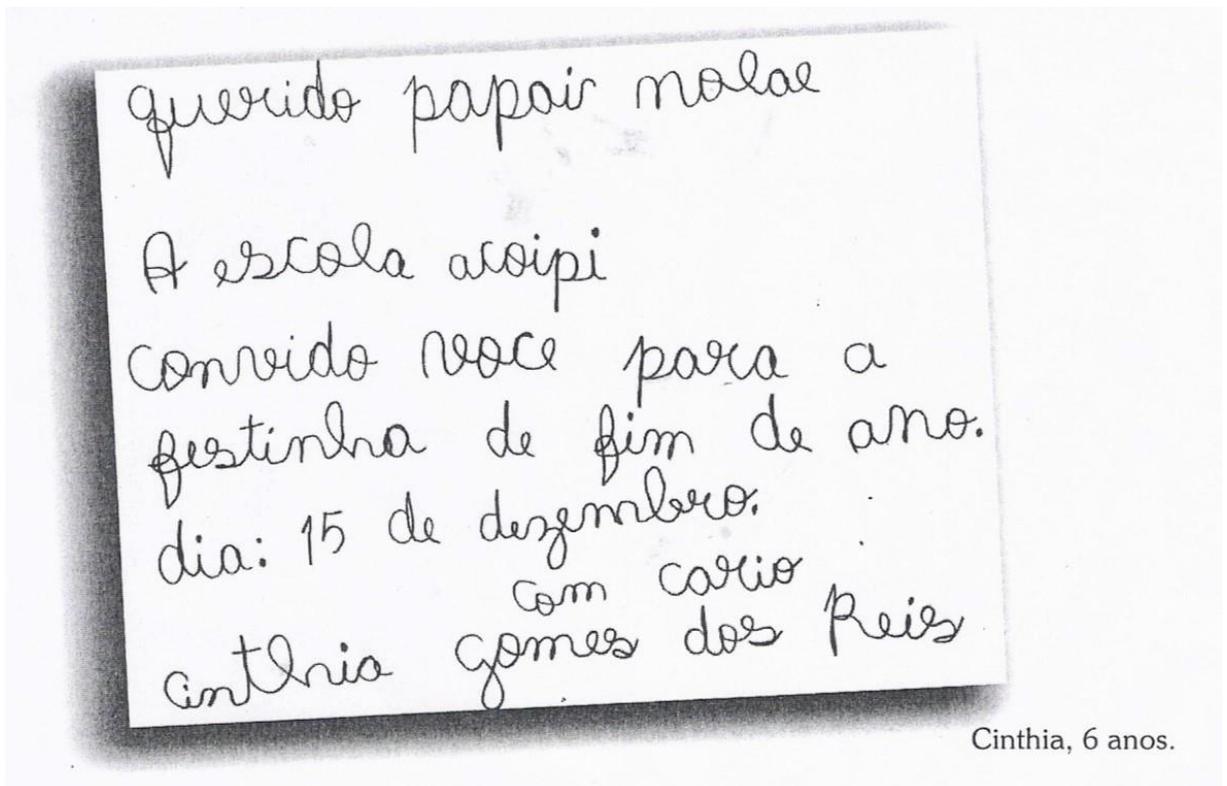
Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6
(RIBEIRO, 1999, p. 11)

Figura 10: Exemplo de escrita alfabética



Fonte: site <http://pt.slideshare.net/brunarbraga9/psicognese-da-lingua-escrita>

Figura 11: Exemplo de escrita alfabética



Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6
(RIBEIRO, 1999, p. 12)

1.3 A importância do professor no processo de alfabetização

O processo de alfabetização é um período da vida da criança complexo e cheio de desafios e aos poucos ela vai descobrindo o mundo das letras. Esse processo se tornará encantador para as crianças se ele for bem planejado, estruturado, com objetivos e com uma metodologia rica. Um dos responsáveis por isso acontecer é o professor que será importante para incentivar e mediar os primeiros passos da vida escolar do aluno. É necessário que esse professor seja qualificado, saiba refletir e desenvolver metodologias adequadas, sabendo também respeitar a individualidade de cada um e seus conhecimentos prévios.

Os alunos responderão a esse processo dependendo do seu desenvolvimento, incentivos e formas de como o professor ensina e intervém. O docente é importante para o processo de alfabetização, precisando mediar o conhecimento, construir juntos a escrita e saber despertar nas crianças o aprendizado, que elas possam estar sempre em busca e querer saber mais, não aceitar como uma obrigação em aprender a ler e escrever.

O professor deve saber as fases da escrita e respeitar o nível de cada aluno. Muitas vezes é nesses momentos que o aluno encontra-se cheio de dúvidas e que recebe muitas informações ao mesmo tempo, tendo dificuldades em organizá-las. É aí que o professor realizará práticas e metodologias necessárias e adequadas aos seus alunos, levando à reflexão dos erros nesse processo. Cabe a ele também tentar compreender a lógica de pensamento, as hipóteses que permeiam os possíveis “erros” das crianças, para a partir deles intervir e dialogar com a criança e com seu modo de compreender a escrita, de acordo com seu nível.

O professor tem um papel ativo no processo da aprendizagem do seu aluno. É quem organiza as atividades, o trabalho e a metodologia a ser aplicada para o ensino da escrita. Ele tem que ter muito conhecimento, grandes ideias, habilidades nos procedimentos e nas estratégias de como ensinar e lidar com seus alunos, tendo também atitudes, valores, hábitos e condições pessoais para o ensino.

Hoje a concepção de ensinar exige não apenas aplicar certas fórmulas preestabelecidas, mas o exercício profissional competente, incluindo a autonomia, a capacidade de decisão e principalmente a criatividade do professor. As ferramentas de

ensino que se tem hoje oferecem experiências e ideias, mas só funcionam quando o docente estiver preparado para novas experiências e desafio com segurança seus alunos.

A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças não lêem eficazmente por si mesmas. Durante esse período, o professor cria muitas e variadas situações nas quais lê diferentes tipos de textos. (LERNER *apud* CAMARGO, 2010, p.22).

Para a criança aprender a se comunicar por meio da linguagem escrita, necessita-se motivação, incentivo e algumas atitudes positivas do seu professor, que é ensinada e vivida num contexto especial.

O professor deve tornar o espaço escolar mais prazeroso e eficaz para seus alunos, criando um ambiente alfabetizador na sua sala de aula, que inclua as tecnologias.

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia-a-dia e procurar soluções para os problemas dos alunos que não acompanham. (CARVALHO *apud* MARTINS; SPECHELA, 2012, p.7).

O professor deve organizar a sua aula para que os alunos interajam, discutindo ideias e cooperando para resolver seus problemas e não apenas escutem a aula preparada, de forma passiva. Os alunos devem ser autônomos em suas atividades e explorar o máximo o material trazido para a aula de escrita. Essa atividade deve conectar a criança no seu mundo real e social, onde ela possa escrever sobre alguém ou algo, para alguém, de uma determinada forma, conseguindo estabelecer assim um objetivo claro.

É importante também que o professor avalie seu aluno e perceba o que ele pode oferecer, como suas ideias, suas hipóteses e o seu pensamento. A partir daí observará o que ele consegue fazer sozinho e o que consegue fazer com sua ajuda, percebendo o que poderá exigir daquela criança, conforme seu estágio de desenvolvimento. A partir disso o professor terá uma organização de atividades, já sabendo se pode ou não avançar nas etapas seguintes do processo de alfabetização.

Não basta o professor avaliar somente os seus alunos, também é importante se auto avaliar, analisando as atividades propostas, se elas motivaram, levantaram a autoestima, se estimularam o pensar, se permitiram a interação e se atingiram os objetivos propostos.

3 UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA PARA AUXÍLIO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

3.1 Fotografia na escola e como auxílio na alfabetização de crianças

A primeira imagem da fotografia surgiu por volta de 1825 através do francês Joseph Nicéphore Niépce¹.

Durante anos a fotografia foi se desenvolvendo e ficando cada vez melhor. Surgiu a opção colorida com melhor resolução e a tecnologia aprimorada, mas sem perder a essência da ação de fotografar. Os paradigmas da fotografia foram alterados com o passar do tempo, fazendo produções de alta qualidade, com o uso da internet facilitando o fluxo de distribuição e acesso às imagens, tornando assim mais simples o uso de câmeras digitais.

Hoje a fotografia está muito presente no cotidiano das pessoas, pois é através dela que se registram momentos importantes da vida, sendo o ato de fotografar uma interpretação da realidade e não apenas uma simples reprodução.

Na escola a fotografia registrava momentos diversos como eventos de calendário, fotos da turma, alguma data especial e também a sua estrutura física. Essas fotografias geralmente estão em álbuns guardadas em caixas, sendo feitas com câmeras analógicas, quando era preciso mandar revelá-las. Com o passar do tempo não encontramos mais fotos em caixas e sim em computadores, onde ali os professores também passaram a registrar os processos pedagógicos realizados com a sua turma para assim compartilharem com os demais. Com essa tecnologia o uso da câmera digital passou a ser mais frequente e acessível a todos.

Estamos no tempo da inquietação, do novo, da fantasia e da imaginação. A fotografia possibilita à criança ser o que quiser, dizer o que pensa e expressar-se do seu jeito único de ser, revelando um mundo de singularidades.

São os olhos, os do autor e o do fotografado, que estão em questão. Olhos que vêem. Olhos que olham. Olhos que falam. Olhos que surpreendem. Olhos em busca do olhar sensível, de enxergar através do papel, através da história. Olhar que experimenta um momento já vivido, que lhe atribui algum sentido. (VILL *apud* FELISBINO & ROSA, 2012, p. 7).

¹Disponível em: <http://www.cantao.net/index_arquivos/Page3314.htm>. Acesso em: 14 jun. 2015.

A alfabetização é muito importante, mas ela necessita de auxílios para que torne esse processo cada vez mais prazeroso e com resultados melhores. Para Hernandez *apud* Ferreira (2012, p. 27), “[...] vivemos e trabalhamos em um mundo visualmente complexo, portanto, devemos ser complexos na hora de utilizar todas as formas de comunicação, não apenas a palavra escrita”.

A fotografia é uma ferramenta de auxílio que pode ser explorada de forma muito positiva pelo professor alfabetizador. É através dela que a criança conseguirá juntar a imagem, a imaginação, o prazer, o raciocínio, a escrita e a leitura.

As imagens contam de nós, dos outros, para nós, para outros. A natureza dinâmica das práticas do ver, na atualidade, cria novas responsabilidades para a escola. De fundamental importância para a educação da cultura visual é o papel da escola no empoderamento de professores e alunos para agenciar diferentes percursos de produção e significação sob perspectivas inclusivas que dilatam o olhar pedagógico (TOURINHO *apud* FERREIRA, 2012, p.30).

Quando a criança é participativa na construção de suas próprias atividades escolares, ela mostra melhor desempenho para sua realização. O ato de fotografar como uma atividade integrada ao aprender a escrever é uma forma de “aprender brincando”, tornando o processo de alfabetização mais prazeroso, divertido e trazido para a realidade em que a criança está inserida.

A técnica não é atividade mental sem ser também ação significadora, processo de ordenação dos modos de operar que são procedimentos e mentais simultaneamente, algo que a experiência estética manifesta por imagens, conversa, texto escrito, modo de escolher uma foto, etc. (MEIRA; PILLOTO *apud* FERREIRA, 2012, p.66).

A fotografia está aí para ser utilizada como uma grande aliada para a alfabetização e letramento das crianças. Cabe ao professor usufruir dessa grande ferramenta para tornar suas aulas mais legais e prazerosas, possibilitando caminhos diferentes e facilitadores para que a criança construa seu próprio conhecimento.

3.2 Computador na escola e como auxílio na alfabetização de crianças

O computador vem sendo utilizado cada vez mais para tarefas profissionais ou pessoais, buscando auxiliar na informação e na comunicação. É através dele que se obtém diversos recursos para realizar um conjunto de várias atividades.

Dentro da escola o computador pode contribuir para a aprendizagem. Cabe ao professor conhecer bem o recurso e ter uma proposta pedagógica para a sua utilização em sua aula.

O computador propiciará a construção de ambientes ricos e auxiliará na alfabetização de crianças se existir uma reflexão por parte dos professores sobre as suas possibilidades, por meio de ferramentas de comunicação, jogos educacionais, multimídia, similares, linguagens de autoria, editores de texto e outros diversos recursos.

Espaço de escrita [...] é o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita. Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde a um espaço de escrita diferente. Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi superfície interna contínua de um rolo de papiro ou pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta do códice, foi, e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página do papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador. (SOARES *apud* MAIA, 2006, p. 191).

As crianças de hoje têm acesso a um computador, seja em *lan houses* (lojas que cobram para a utilização de computadores com acesso à internet), em casa, no vizinho, na escola, etc. Isso quer dizer que elas estão frente a muitos recursos gráficos que existem no computador e jogos educativos disponíveis no mercado, aderem facilmente à escrita e rabiscos virtuais. Mais um recurso descoberto foi o hipertexto, que é um texto móvel, que se transforma com um toque no teclado sempre que deseja.

O professor pode oferecer diversas atividades com o uso do computador, sendo atividades individuais ou em grupos, estimulando a aprendizagem. Essa aprendizagem acontece a partir de situações significativas à vida das crianças.

Para que o computador esteja no ambiente da escola é necessário que o professor esteja qualificado e se aproprie dessa tecnologia para ensinar as crianças a ler e escrever, compreendendo que este recurso é um grande aliado para conduzir suas aulas.

É necessário que o professor faça o uso da tecnologia em suas aulas, conhecendo-a para melhor explorá-la com seus alunos e que ela traga benefícios pedagógicos para dentro da sala.

Para que ocorra uma aula cheia de aprendizagens, interação e conquistas na escrita das crianças é necessário que o professor tenha o conhecimento do recurso que é o computador, planeje muito bem suas aulas, faça atividades bem elaboradas e auxilie seus alunos para o uso correto.

Um dos fatores primordiais para a obtenção do sucesso na utilização da informática na educação é a capacitação do professor perante essa nova realidade educacional. O professor deverá estar capacitado de tal forma que perceba como deve efetuar a integração da tecnologia com a sua proposta de ensino. Cabe a cada professor descobrir a sua própria forma de utilizá-la conforme o seu interesse educacional, pois, como já sabemos não existe uma forma universal para a utilização de computadores na sala de aula. (TAJRA *apud* SOUTO, 2012, p. 24)

Quem ainda não sabe ler e nem escrever pode com certeza enfrentar atividades de alfabetização com o uso do computador, pois através do teclado podem escrever palavras da maneira que quiserem e que sabem.

A argentina Ana Teberosky *apud* Santomauro (2013) destaca no livro “Contextos de alfabetização Inicial” que diante do teclado o aluno usa as duas mãos para digitar e, em vez de traçar grafias, deve escolher uma das opções para apertar: estão à disposição dele todas as letras possíveis para compor uma palavra (um conjunto finito com uma disposição diferente da alfabética). As peculiaridades continuam: o computador permite relacionar as letras impressas no teclado com as imagens que aparecem na tela e escolher formatos variados.

Se o professor estiver preparado para a utilização do computador em suas aulas para alfabetizar crianças terá uma variedade de possibilidades para torná-las mais prazerosas, atrativas, divertidas e interessantes, produzindo mais aprendizagens e com resultados mais eficazes nas atividades propostas.

4 ATIVIDADES E JOGOS QUE AUXILIAM A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS

4.1 Análise de crianças interagindo com a mídia

As atividades e jogos foram realizados com algumas crianças de 6 a 8 anos de idade. São crianças que frequentam a escola no turno da manhã e no turno da tarde vão para uma Entidade, cujo nome será mantido em sigilo para fins deste trabalho, onde são realizadas oficinas diversas (música, teatro, informática, coral, instrumentos de sopro, etc.), incluindo auxílio ao tema escolar e atividades extraescolares que auxiliam a escola em seus conteúdos.

Atividade 1: Numa roda de conversa foram propostas atividades práticas para os alunos. A primeira consistia em eles mesmos fotografarem um ao outro dentro da sala a fim de manusearem a câmera digital da escola.

Figura 12: Crianças fotografando os colegas



Fonte: o próprio autor.

Figura 13: Crianças fotografando os colegas



Fonte: o próprio autor.

Figura 14: Crianças fotografando os colegas



Fonte: o próprio autor.

As figuras 12, 13 e 14 mostram as crianças fotografando seus colegas. Todos adoraram fotografar e posar de modelos para as fotos. O manuseio com a câmera fotográfica foi uma diversão para elas, que já davam dicas para os colegas de como se posicionarem para a foto sair da melhor forma possível. O cenário das fotografias foram elas que escolheram, um painel de Romero Britto que eles mesmos pintaram para colocar na parede da sala. Manusear as câmeras digitais foi tranquilo para elas, pois a maioria possui uma em casa ou utilizam o celular próprio ou dos pais para fazer fotografias. Entendem que apenas é preciso ligar e pressionar o botão que fica em cima da câmera. Não compreendendo ainda a questão de configurações que a câmera possui, mas já despertando grande curiosidade nelas.

Atividade 2: A proposta era as crianças saírem pelo pátio da SLAN ou no Parque dos Dick (que fica em frente à Entidade) e fotografassem algo que gostassem, de sua preferência ou que chamasse atenção.

Figura 15: Criança fotografando o que gosta



Fonte: o próprio autor.

Figura 16: Criança fotografando o que gosta



Fonte: o próprio autor.

Figura 17: Criança fotografando o que gosta



Fonte: o próprio autor.

Figura 18: Criança fotografando o que gosta



Fonte: o próprio autor.

Figura 19: Criança fotografando o que gosta



Fonte: o próprio autor.

Essa atividade que mostra nas figuras 15, 16, 17, 18 e 19 que estão acima, foi totalmente de escolha livre das crianças, que com facilidade pegaram a câmera, ligaram, escolheram um lugar, se posicionaram e fotografaram. Teve um menino que disse que sua foto não havia ficado legal, então pediu que a professora auxiliasse para poder apagar a foto e fotografar novamente.

Essa atividade foi totalmente prazerosa para as crianças, pois a fotografia permitiu que fizessem quantas fotos desejassem e se não gostassem de alguma existia a possibilidade de excluírem e fazerem novamente.

Atividade 3: Depois das fotografias realizadas e prontas, as crianças foram para o laboratório de informática aprender a passar as suas fotos para o computador.

Figura 20: Crianças no laboratório de informática passando suas fotos para o computador



Fonte: o próprio autor.

Figura 21: Crianças no laboratório de informática passando suas fotos para o computador



Fonte: o próprio autor.

Figura 22: Crianças no laboratório de informática passando suas fotos para o computador



Fonte: o próprio autor.

Essa atividade custou mais tempo, pois só havia uma câmera da escola, que foi utilizada, então individualmente era realizado o processo de passar as fotografias para o computador, como mostra nas figuras 20, 21 e 22. Porém as crianças eram chamadas a atenção para já ir ouvindo a explicação da professora para o colega. Para algumas foi mais fácil essa atividade, pois já haviam feito em casa com algum adulto ou com o professor de informática, mas outros tiveram mais dificuldades e a professora teve que fazer várias intervenções, mostrando duas formas para passar, sendo que a primeira consistia em arrastar o arquivo e a outra copiar e colar, podendo optar pela forma que quisessem e que achassem mais fácil.

Essa atividade mostrou que é possível ensinar de várias maneiras e que o aluno tem a possibilidade de escolher qual o caminho que deseja seguir e qual encontrou mais facilidade.

Atividade 4: Depois de passadas para o computador, as crianças tiveram que colar as fotos dos colegas no word e construírem uma tabela com espaços para escrever (elas já sabiam inserir tabela, pois aprenderam nas oficinais de informática). Ao redor da foto deveriam escrever alguns dados e algumas características desse colega.

Figura 23: Documento do word com fotografia e escrita das crianças

	Ana maria	8 anos	Gosta de vaser brincaderas
			

Fonte: Print do word de fotos feitas pelos alunos.

Figura 24: Documento do word com fotografia e escrita das crianças

<u>bunita</u>	Vitoria	8 anos	<u>grida</u>
<u>legau</u>			

Fonte: Print do word de fotos feitas pelos alunos.

Figura 25: Documento do word com fotografia e escrita das crianças

Ele é é alegre é <u>legao</u> .	AMIGO de <u>todomundo</u> .	O nome dele é <u>gina</u> .	Ele <u>ten</u> 8 anos
<u>é igrasa</u> do é <u>amigobom</u> .			
Colordo <u>querido</u> , <u>amigavem</u> com a <u>aprosora</u> , AGUDA AMIGOS ÉSNSÉRO.			

Fonte: Print do word de fotos feitas pelos alunos.

Essa atividade exigiu também mais tempo, pois teriam que colar a foto, construir a tabela e escrever as características dos colegas, como mostra nas figuras 23, 24 e 25. Uma aluna conseguiu fazer a tabela primeiro, mostrando mais prática e contato mais tempo com o computador. Ajudou a professora a auxiliar os colegas para que as tabelas ficassem

iguais e então pudessem escrever dentro o que foi proposto. Durante as escritas algumas crianças faziam perguntas, onde a professora respondia com perguntas também, para assim fazer com que pensasse e raciocinasse sobre o que estava escrevendo. Algumas crianças tentavam olhar o que o colega estava produzindo ou até mesmo tiravam dúvidas com o quem estava do lado.

Na figura número 25 a criança apresentou bastante ideias legais e explorou da imaginação para escrever do colega, utilizando frases completas e também a pontuação. Não questionou muito a professora e fez seu trabalho mais livremente. Escrevendo mais e colocando mais ideias que as demais crianças.

As escritas nessa atividade evidenciam fortemente que os alunos sistematicamente “erram” na marca da nasalidade, como, *legao* por *legal*, *igrasado* por *engraçado*, *aguda* por *ajuda*, *gina* por *Gean*, *ten* por *tem*, *bunita* por *bonita*, *legau* por *legal*, *qrida* por *querida* e *vazer* por *fazer*, mostrando que as crianças já construíram um sistema de vogais orais e nasais e também construíram o conceito de que a escrita é alfabética.

Atividade 5: As crianças pegaram a foto que tiraram de sua preferência e colaram no word. Abaixo da foto escreveram o que estava aparecendo e porque escolheram fotografar aquele objeto/cena/espço. Para as crianças menores a proposta foi escrever alguma palavra ou palavras que representem a sua foto.

Figura 26: Foto e texto criança de 9 anos



A pracinha da Slan

A pracinha da Slan é aonde nós brincamos e nós nos divertimos, nós andamos de balanço. Só que no dia 28/05 a gente não podia brincar por que neste dia estava chovendo. A nossa sorte que no dia seguinte deu sol e brincamos a tarde toda.

Fonte: foto feita pelo aluno.

Essa atividade ilustrada na figura 26 foi realizada pela criança sozinha e mostrando autonomia. O processo da escrita foi tranquilo, onde fez corretamente o uso de acentos nas palavras *nós*, *só*, *é* e *não*. Utilizou também a pontuação, fazendo o uso de vírgula e ponto final. É um aluno que gosta muito de ler livros e textos trazidos pela professora, um dos motivos de ter facilidade na sua escrita. Nenhum momento solicitou ajuda da professora enquanto digitava seu texto. Mostrou gostar muito da atividade, pois se concentrou no que estava fazendo e viu a sua foto como um grande ponto de referência para também trabalhar a imaginação e relatar a realidade. Quando via que alguma palavra estava sublinhada em vermelho, o aluno voltava na palavra e ficava repetindo e refletindo, pois sabia que algo tinha escrito de errado, sabendo que no word isso acontece quando é digitada uma palavra errada. Logo percebia seu erro e corrigia, sem necessidade de auxílio da professora.

No texto desse aluno, ele seguiu uma sequência de fatos e um texto que surgiu da sua fotografia e de sua realidade, apresentando também informações verdadeiras e uma unidade temática.

Figura 27: Foto e texto criança de 8 anos



Esse é o vaso da slan ele tem plantas verdes e dentro dele tem terra e bem nesse dia estava chovendo e isso era no dia 28/05/15 e mesmo assim tivemos que regá-lo pois estava muito seco e precisando de água. Essas plantas são importantes para embelezar nosso patio

Fonte: foto feita pelo aluno.

Na figura 27 a criança estava realizando sua atividade ao lado do colega apresentado anteriormente na figura de número 26. Ela questionava e pedia ajuda para ele, mais do que para a professora, que também teve que interferir algumas vezes. Sua ideia de texto ficou parecida com a do seu colega, porém falou bem da sua fotografia, usando palavras não muito comuns para a sua faixa etária, como “regá-lo”, escrevendo corretamente a palavra, mas se referindo ao vaso e não à planta que tiveram que regar. Utilizou o ponto final apenas uma vez e não usou no final do texto.

A fotografia auxiliou para que pensassem em palavras que poderiam ser utilizadas, sendo uma ferramenta muito divertida e um ponto muito positivo para o processo de alfabetização, pois a criança trabalha a motricidade fina, o raciocínio, a memória e a construção de um texto.

O texto dessa aluna ficou bem original e teve uma produção espontânea e com coerência, apresentando também uma sequência lógica de fatos ocorridos.

Figura 28: Foto e texto criança de 6 anos



A madeira serve para vazer banco com a tinta faz as coisas tercor o banco tem pernas de simento e o banco tem doas barra de madeira e para segurar tem oito parafuso e tem quatro pernas e o banco pode estar na prasinha ou pode estar na mesa esperando vose e o pato sobe no banco bem asveses e o banco foi feito para sentar e esa e a estoria do banco

Fonte: foto feita pelo aluno.

A aluna da figura 28 se mostrou bastante concentrada no que estava fazendo e no que havia sido proposto para ela. Identificava as letras no teclado com rapidez e agilidade, mesmo digitando apenas com o dedo indicador da mão direita. Ela pensava, digitava a palavra e a relia em voz alta. Teve um momento em que percebeu que no início tinha escrito a palavra “baco” ao invés de “banco” e assim que teve essa percepção chamou a professora imediatamente para perguntar como se voltava nessa palavra, pois havia esquecido de colocar a letra “n”. Perguntou também para a professora se a palavra “fazer” se escrevia com “z” ou com “s”, então a professora repetiu a palavra juntamente com ela e chegaram à conclusão de que era com “z”, porém foi trocada a primeira letra da palavra, que escreveu com “v” e não com “f”, escrevendo “vazer”, mostrando que a aluna enfrenta um conflito cognitivo, onde diferentes grafemas representam o mesmo fonema, grafando com correção o “zer”, mas incorretamente o “va” (fa) da palavra “fazer”.

A aluna mostra no seu texto mais vezes que enfrenta um conflito cognitivo em relação a grafia do fonema “z”. Grafá-o corretamente nas palavras “fazer, coisas e parafuso”, mas incorretamente na palavra “vezes” (veses).

No texto ela erra na marca da nasalidade que escreve *vazer* por *fazer*, *simento* por *cimento*, *doas* por *duas*, *prasinha* por *pracinha*, *vose* por *você*, *veses* por *vezes* e *esa* por *essa*.

Ela vincula seu texto à sua fotografia e faz uma construção de uma lista de coisas que está vendo. É um texto com coerência e sequência lógica e com declarações autônomas.

Essa criança escreveu muito bem seu texto por ter apenas 6 anos, mostrando-se bastante adiantada no processo de alfabetização. É uma criança muito ativa e agitada, porém concentrada quando propostas de atividades são lançadas para ela. Essa escrita da criança vem de incentivos e estímulos de casa, facilitando assim também na leitura de palavras, frases e pequenos textos. A fotografia foi um incentivo e uma ferramenta a mais, diferente e divertida no seu cotidiano, que possibilitou que ela desenvolvesse na sua prática diária ainda mais a escrita e a leitura.

Figura 29: Foto e texto criança de 7 anos



a uma vez uma caslnha no parque aturma a foi junto com aturma b dai foi muita diversão
aturma a junto com aturma b dai agente foi para islam|

Fonte: foto feita pelo aluno.

Essa criança durante a sua atividade mostrou-se um pouco mais distraída, sendo que escrevia uma palavra, olhava para os lados e voltava a escrever novamente, levando assim um pouco mais de tempo como mostra na figura 29. Digitava seu texto com os dois dedos indicadores e demorava um pouco para identificar as letras que gostaria de utilizar, mas identificava as letras corretamente. Digitava letra por letra e repetia em tom de voz alta e quando terminava a palavra voltava novamente e a lia toda.

A professora percebeu que a ideia do texto tirava a concentração dela enquanto escrevia uma palavra, pois se concentrava muito na palavra e acabava esquecendo a ideia do texto, ou seja, não conseguindo dar continuação à sua história. Foi sugerido para que ela escrevesse apenas palavras soltas, mas ela não aceitou, pois queria escrever a sua história como os colegas.

Questionou a professora para algumas palavras, até mesmo algumas que não foram utilizadas no texto. Uma das palavras que questionou foi: “junto”, perguntando se era com “j” ou com “g”. A professora teve que propor para pensarem juntas, onde repetiram a

palavra mais de uma vez para que ela percebesse a diferença sonora das letras e utilizasse a letra que achasse correta.

Começou o texto com a palavra “era”, mas por falta de concentração acabou apagando as letras “e” e “r”. Todas as vezes escreveu “a turma” junto (aturma) e uma vez “a gente” (agente), onde também falava junto, não separando essas palavras na sua fala. Escreveu palavras corretas em seu texto, destacando “casinha e diversão”. Houve uma sequência de fatos, mas sem coerência. Seu texto foi verdadeiro, narrando um fato que ocorre na sua realidade.

Essa criança tem pouca concentração dentro da sala de aula, mas a fotografia e o computador serviram de auxílio para que ela se sentisse motivada em escrever uma história, como vimos que ela não queria apenas escrever palavras soltas. Fez questionamentos várias vezes para a professora de quando tiraria fotos novamente para poder mexer no computador e escrever novas histórias como essa.

Figura 30: Foto e texto criança de 8 anos



ESA RODA QUASE TODAS AS CRIANÇAS BRINCAM ESE E O PARK DO DIK MEU COLEGA BRINCAMO E SE DIVERTIMOS FOI SO isso

Fonte: foto feita pelo aluno.

Essa criança da figura 30 adorou o momento de fotografar os colegas e lugares, como também gostou muito da proposta de utilizar o computador para escrever a sua

história. Ficou parada por alguns minutos na frente do computador pensando até o momento em que a professora teve que intervir, dando algumas ideias para começar o seu texto. Sua distração com outras coisas era grande, onde tudo chamava atenção menos o texto. A professora teve que novamente intervir, colocando-a mais num canto da sala para que ficasse sozinha e conseguisse adquirir mais concentração na proposta de atividade. A partir daí começou a escrever, identificando as letras no teclado com facilidade.

A criança pediu apenas uma vez a ajuda da professora para localizar o “ç” no teclado do computador para escrever “crianças”. Foi percebido que ela queria se ver livre logo da atividade de escrita, pois apresenta dificuldades de concentração, mesmo com uma atividade diferenciada como essa proposta pela professora, mostrando esse sentimento nas últimas palavras escritas por ela “foi so isso”. A falta de concentração também é apresentada quando escreve *esa*, *ese* e *isso*, utilizando os dois “s” somente na palavra “isso”, sendo correto.

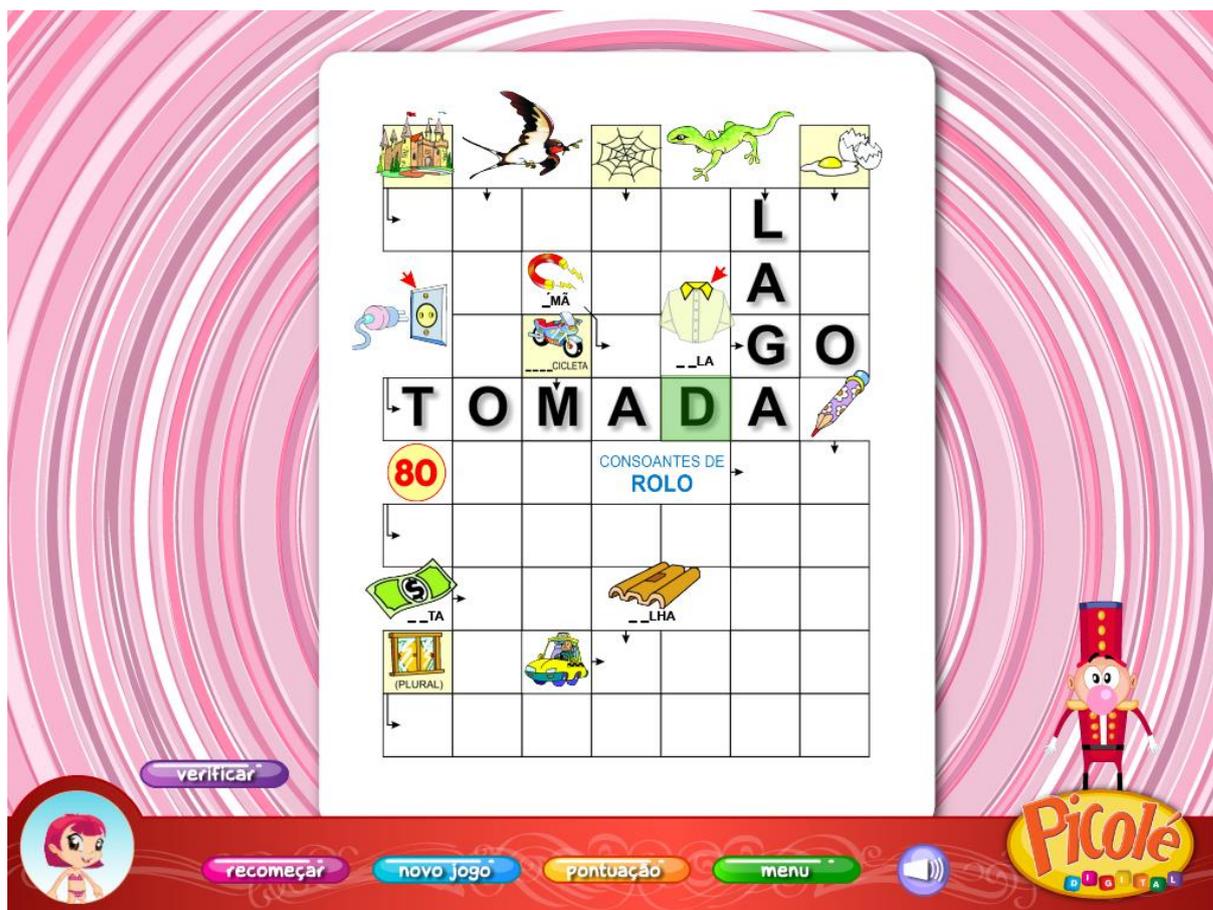
Apresentou sequência lógica de fatos e formulou uma lista de sentenças, apresentando coerência no seu texto. É um texto real, não repetindo uma história lida de um livro e sim imposta por sua própria fotografia e realidade.

Foi observado que a criança mostrou muita empolgação e interesse nos momentos de manusear a câmera digital, fotografando os colegas e lugares, assim como estava empolgada em manusear também o computador, mas no momento da escrita era necessário que alguém ficasse do seu lado para motivar e incentivar a sua escrita. Como a criança gostou muito da fotografia e do computador, talvez na próxima vez ela acabe se envolvendo mais e aos poucos melhorando esse processo de escrita, apresentando mais concentração da sua parte.

Atividade 6: Alguns jogos de interação e alfabetização no programa “Picolé digital” foram explorados com as crianças.

Jogo 1: Nesse jogo as crianças devem escrever o nome de cada figura nos quadrinhos indicados pela seta, podendo responder de duas formas, clicando na figura ou em cada uma das casas em branco. Depois para saber se acertou é só clicar em verificar.

Figura 31: Jogo de palavras cruzadas



Fonte: Programa de jogos Coquetel - Picolé Digital 2

Nesse jogo, figura 31, as crianças necessitaram e consultaram várias vezes a ajuda da professora e dos colegas. Algumas crianças pediram ajuda para identificar gravuras, como de uma janela em que, logo abaixo estava escrita entre parênteses a palavra plural, então que seria “janelas”. Houve também dúvidas onde tinham que apenas colocar a primeira sílaba da palavra, que era o “te” da palavra “telha”.

As crianças com o processo mais avançado de alfabetização tiveram mais facilidade em realizar o jogo e fizeram menos tentativas, acertando as palavras na primeira vez, já os demais tinham a ajuda da professora e dos colegas e realizaram mais tentativas até acertar as palavras e completar o jogo, sendo que ele só se completa e acaba quando as palavras estão corretamente escritas.

Esse jogo estimula a memória e o raciocínio da criança, onde ela deve escrever e compreender os sentidos das palavras e sua ortografia.

Também possibilita o aluno a escolher e decidir, onde também pode ser realizado e proposto de forma colaborativa, ou seja, em grupo, onde esse grupo pode solucionar os problemas apresentados no jogo.

Jogo 2: Nesse jogo as crianças devem escrever o nome de cada figura nos quadrinhos indicados pela seta, podendo responder de duas formas, clicando na figura ou em cada uma das casas em branco. Depois para saber se acertou é só clicar em verificar.

Figura 32: Jogo de palavras cruzadas



Fonte: Programa de jogos Coquetel - Picolé Digital 2

Esse jogo da figura 32 é mais “fácil” que o jogo anterior da figura 31, pois não tem a questão do “plural” ou das “consoantes”. As crianças mostraram mais agilidade em realizar esse jogo. Teve um aluno que escreveu “minoca” ao invés de “minhoca” e percebeu somente no fim do jogo que em dois quadrinhos tinha a sequência da letra “a”, porém afirmava que a palavra “minhoca” e a palavra “tatu” estavam escritas corretamente.

A professora teve que fazer intervenção, dizendo que estava faltando uma letra no meio da palavra minhoca. Repetiu várias vezes a palavra que o aluno havia escrito “minoca” até que ele percebesse qual a letra que fazia o som que estava diferenciando.

Esse jogo como o anterior desenvolve a memória e o raciocínio lógico, onde a criança deve escrever e compreender as palavras e escrever com a ortografia correta para finalizar. O uso dele na escola favorece o estímulo cognitivo e auxilia na compreensão, na coordenação e na aprendizagem dos significados das palavras.

Jogo 3: No diagrama estão escondidas palavras destacadas no texto, onde as crianças deveriam encontrá-las.

Figura 33: Diagrama



Fonte: Programa de jogos Coquetel - Picolé Digital 2

Nesse jogo da figura 33, teve alunos que primeiramente antes de começar a “jogar” leram o texto “Pulga voadora”, como teve alunos que não leram o texto e apenas foram

procurar no diagrama as palavras que estão em vermelho no texto, ou seja, as palavras destacadas. Foi observado que quem leu o texto teve mais facilidade e rapidez em achar as palavras, pois fez uma memorização e quando encontrava lembrava que tinha “tal” palavra no texto. Quem não fez a leitura do texto e foi logo procurar as palavras que estavam destacadas em vermelho demorou mais, pois lia a primeira: “coçando” e ficava procurando somente essa palavra no diagrama e somente quando encontrava partia para a próxima.

Esse jogo apresentou ser mais fácil, pois era um exercício de memorização, como um olhar a palavra e procurar a palavra igual, estimulando também o raciocínio lógico.

Jogo 4: Nesse jogo as crianças devem digitar a letra desejada e tentar descobrir a palavra oculta. Para facilitar a palavra é associado a um tema. A cada erro, um balão é estourado. O jogo acaba quando não houver mais balão para estourar.

Figura 34: Descobrir a palavra oculta



Em geral as crianças gostam muito deste jogo, ilustrado na figura 34, e com as crianças observadas não foi diferente. É um jogo com várias tentativas de letras até formar a palavra. É muito dinâmico e divertido, que atrai a atenção das crianças, podendo ser utilizado em vários temas.

Os alunos gostaram muito desse jogo, onde tinham palavras que nenhum balão precisou ser estourado, pois eram mais fáceis. Mas em algumas situações em que as palavras tinham dígrafos, como por exemplo: “alho”, as crianças faziam várias tentativas para acertar.

Dentro de cada um desses jogos tem variações de temas, onde o jogo é igual, porém muda o assunto, conforme o que a criança escolhe.

5 CONCLUSÃO

A tecnologia está mudando cada vez mais as práticas de ensino no processo de alfabetização. Muitas escolas receberão e estão recebendo investimentos para intensificar o uso das tecnologias, porém ela ainda não está plenamente em sintonia e harmonia com a escola.

Nos dias atuais alfabetizar e letrar uma criança é uma tarefa desafiadora, onde o professor deve refletir sobre as práticas adotadas para trabalhar no mundo da escrita, oferecendo da melhor maneira a possibilidade da criança ler e registrar com escrita alfabética e compreender, produzindo textos para viver nesta sociedade da informação e da comunicação.

Essas tecnologias não garantem a aprendizagem e o ensino dos alunos, dependendo de vários fatores para que isso aconteça. Um dos fatores é o professor estar preparado para trabalhar e utilizar a tecnologia como auxílio para a aprendizagem da criança no processo de alfabetização, levando-a para a sala de aula somente se estiver a serviço da aprendizagem. A tecnologia veio para oferecer oportunidades, recursos e ferramentas para o aprender, que devem ser utilizados no contexto da realidade e da criatividade do professor e dos alunos. É preciso estar atento para que isso funcione, não basta um laboratório de informática, uma aula de fotografia, se o professor não desafia e não faça intervenções necessárias para o crescimento e a evolução da aprendizagem dos seus alunos.

O uso do computador, da fotografia e de demais ferramentas de tecnologia, com o seu surgimento dentro da sala de aula, possibilitou um leque de boas práticas docentes, tendo mais elementos para planejar e desenvolver processos de inovação e avanço educativo, melhorando o empenho do aluno, através da prática, da diversão, da motivação e do novo.

A escola mostra grande preocupação em letrar os alunos com o letramento escolar, que é o aprender as práticas e os significados da língua escrita, compreendendo a utilização de símbolos e não com o letramento social, que é o que acontece fora da escola com a vivência e a experiência da vida.

As atividades realizadas com os alunos da Entidade desenvolveram habilidades importantes para o processo de letramento. Elas surgiram a partir da realidade das crianças, buscando analisar como o computador e a fotografia poderiam influenciar para que o processo de letramento acontecesse de uma forma prazerosa e realista. Neste trabalho foram realizados textos reais dos alunos através de fotografias produzidas por eles mesmos. A união destes dois recursos

tecnológicos se tornou elemento facilitador para o letramento, adquirindo assim certo domínio da leitura e da escrita.

As escritas das crianças também possibilitaram a interação com os colegas e com a professora enquanto tinham a oportunidade de expressarem suas hipóteses e desfazê-las quando sentiam necessidade, foram produções de escritas do modo de cada um. As crianças sentiram-se valorizadas por produzirem seus próprios textos com contextos reais, sendo atividades que lhes deram prazer.

Para inserir a tecnologia em nossas escolas e nos planejamentos diários, tornando a educação mais prazerosa, mais prática e atualizada, precisa-se de professores qualificados para que possam realizar processos de mediação, como ligar/desligar o computador, salvar um documento, realizar um trabalho no Word ou no PowerPoint. Precisa-se também de estudos, de informação, do querer das escolas e disponibilização de recursos e materiais. Apesar de todas essas críticas para a utilização das tecnologias, ela representa emoções e aprendizados importantes relacionados ao seu uso, pois para nossos alunos o prazer de realizar atividades fazendo o uso dessas ferramentas é muito maior que as dificuldades que os envolvem.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Bruna. **Psicogênese da língua escrita**. Salvador, set. 2012. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/brunarbraga9/psicognese-da-Ingua-escrita>>. Acesso em: 30 mar. 2015.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAMARGO, Lisiane Walter. **O ambiente letrado e sua influência no processo de alfabetização**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35740/000815892.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 jun. 2015
- COLL, César. **Os educadores, as TIC e a nova ecologia da aprendizagem**. Revista Nova escola, São Paulo, n. 272, p. 82-84, mai. 2014.
- CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ M. M. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Vol. 1. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ M. M. **Escrever e ler: materiais e recursos para a sala de aula**. Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FELISBINO, M. A.; ROSA, I. M. **A fotografia como possibilidade de criação na educação infantil**. p. 7. Disponível em: <http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1406998643_ARQUIVO_Afotografiacomopossibilidadedecriacaonaeducacaoinfantil-AdrianaeIvana4.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- FERREIRA, Anelise Barra. **O aluno faz foto? Fotografar na escola (especial)**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56399/000860138.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 abr. 2015.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C; MORAIS, A. G. **Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- MAIA, C. M.; SCHEIBEL, M. F. **Didática: organização do trabalho pedagógico**. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2006.
- MARTINS, Edson; SPECHELA, Cristiane Luana. **A importância do letramento na alfabetização**. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n3/6%20ARTIGO%20LUANA.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- MELO, Virginia da Silva. **Letramento e alfabetização: o papel da escola, a responsabilidade dos pais e professores no processo de transformar as crianças em indivíduos alfabetizados e letrados**. Disponível em: <http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguaportuguesa/gramaticaortografia/30/artigo219556-1.asp> Acesso em: 25 jun. 2015.

ONATIVIA, Ana Cecília. **Alfabetização em três propostas: Da teoria à prática**. São Paulo: Ática, 2009.

ORTAÇA, Graziela. **O processo de alfabetização apoiado por softwares educacionais**. Porto Alegre. 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95866/000914358.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 mai. 2015.

POLATO, Amanda. **Tecnologias + conteúdos = oportunidades de ensino**. Revista Nova escola, São Paulo, n. 223, p. 50-58, jun./jul. 2009.

PORTO, Gabriella. **INFOESCOLA – Hipertexto**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/fotografia/> Acesso em: 30 mai. 2015.

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. **Para casa ou para sala?: Nível alfabético 6**. Didática Paulista, 1999.

SANTOMAURO, Beatriz. **A alfabetização do nosso tempo**. Revista Nova escola, São Paulo, n. 264, p. 46-51, ago. 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOUTO, Cassia Luciana Barcellos. **O uso do computador nos anos iniciais do ensino fundamental**. Porto Alegre. 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95914/000912259.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 abr. 2015.

ULBRA. Universidade Luterana do Brasil. **Tecnologias da informação e da comunicação na educação**. [Obra]. Curitiba: Ibpx, 2007.

ULBRA. Universidade Luterana do Brasil. **Fundamentos teóricos e metodológicos dos anos iniciais**. [Obra]. Curitiba: Ibpx, 2008.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

História da fotografia. Disponível em: http://www.cantao.net/index_arquivos/Page3314.htm Acesso em: 14 jun. 2015.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA ALUNOS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

termo de consentimento informado

A pesquisadora Daniele Primmaz, aluna regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Paloma Dias Silveira, realizará a investigação O uso da mídia na alfabetização de crianças, junto aos alunos do ensino fundamental no período de março a junho de 2015. O objetivo desta pesquisa é: mostrar que as mídias podem servir de ferramentas para a alfabetização de crianças.

Nesta pesquisa serão utilizadas imagens das crianças, mediante consentimento dos responsáveis. As informações relativas às imagens e outros dados estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone [número oculto para fins de divulgação acadêmica] ou pelo email [email oculto para fins de divulgação acadêmica]

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G.
 _____, responsável pelo aluno (a) _____

Concordo em que ele participe desta pesquisa.

 Assinatura do(a) responsável

 Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.